

nhamos de ser solidários, sem um protesto, sem uma palavra, em tudo quanto esses homens fizeram, por maiores recursos que esse partido cometeu!...

Pois bem, foi o sr. Rodrigues Leite o primeiro a não aceitar essa situação, quando, sendo membro da mesa da Misericórdia e vogal da comissão de subsistências, pediu ao mesmo tempo a demissão desses dois cargos, a que tinha dedicado toda a sua atenção e empregado, sobretudo no ultimo, os maiores esforços.

Os republicanos liberais do nosso concelho cumprem simplesmente o seu dever.

Engana-se o sr. capitão Leite quando afirma que nós combatemos, não esse partido, mas os homens desse partido.

Nós nunca combatemos os homens do partido democratico vareiro. Os homens são-nos completamente estranhos. Apartamos sempre o individuo do politico. A vida particular de cada um é, para nós, sagrada, intangível. É a norma por nós sempre adoptada, porque contem em si um dever.

Mas o politico recai na alçada da nossa critica. Havemos de discutir os seus actos, havemos de combater-lo quando para isso tenhamos razão, importando-nos pouco ou nada qual o partido, em que o seu agente milita.

São precisamente os mais elevados, os mais facciosos republicanos que tem dado á Republica os seus peores dias: são esses republicanos, que com as suas ambições, com o desejo de saciar as suas avidas clientelas, que tem posto o país a saque no dizer do sr. Antonio Maria da Silva, actual chefe democratico.

Os republicanos liberais vareiros tem de combater os abusos, os desmandos dos seus adversarios politicos; e não de combater-los convencidos de prestar ao seu concelho um grande beneficio.

Parece ao sr. Leite que nós combatemos não um partido, mas os homens, melhor diria o homem, dum partido; porque esse partido abdicou da sua independencia, da sua autonomia, do seu modo de ver, perante as imposições do chefe. Daí vem que nós não podemos tornar responsavel pelos abusos, pelas violencias praticadas no nosso concelho, esse partido, quando elas tem por unico responsavel o homem que as incita, as manda praticar.

Não vê o sr. Leite o que se está passando na Camara.

Quer o sr. Leite que se arremesse para sobre os vereadores a responsabilidade do que ali se faz?

É preciso antes de tudo que a critica tal, como se exerce aqui, seja justa e rigorosamente imparcial, para que se não vá ferir innocentes, mostrando ao concelho culpados — responsabilidades a quem tocam.

Já vê o sr. capitão Leite que, a sua critica, quando se refere aos republicanos de Ovar, que não comungam nos processos politicos do chefe democratico vareiro, é injusta.

IMPRESA PATRIA

SECÇÃO DE PAPELARIA

Papel almasso, pautado e liso, branco e azul
Caixas com papel e envelopes, de diversas
marcas. Papel comercial, fino, para maquina
de escrever. Cartão em folha e cortado
em diversos formatos. Papel de seda, em
cores, etc., etc.

Cada um...

Nada para retratar os homens como os seus escritos. Neles a alma expande-se, revela sempre, por mais cuidado que haja em encobrir, em mascarar, os instintos.

A «Patria» é um espelho fiel.

Desde que o sr. Parda, no seu famigerado *remember* ajurou para a primeira pagina daquele jornal com as «venenosas garras tresandando a escrementos humanos», a «Patria» tomou este *remember* por escola, e de cada escrito faz um *remember*, inspirando-se ali como se sempre visse no ambiente proprio.

Largas ao instinto! Aquilo vai ficando tão reduzido e a desorientação é tal que se acha reduzida a um escritor unico; a «Patria» nem já sabe o que diz.

A cada contrariedade que lhe levantam, a cada entalada em que se vê colhida, só tem como sahida — lançar «as venenosas garras tresandando a escrementos humanos».

O maior de todos entende que é reclame de mais o que fazemos á sua pessoa e *importantissimos* melhoramentos. Merece tudo, tudo. Quem *arranja* uma escola e lá pèga todo aquele pessoal desde o maior até ao resto, tem direito a ser cantado em prosa e verso, e ainda a ser condecorado com uma comenda.

E se a condecoração lhe não fôr dada polos... melhoramentos deve ser reclamada pela phobia dos seus escritos — á *remember*.

Impostos municipais

O «Jornal», diario de Lisboa, sob o titulo *Verdadeira loucura*, publica:

«Cada concelho está autorizado por lei a tributar as mercadorias que dele saírem, applicando-lhes taxas *ad valorem*, a que chamam direitos de exportação. Por esta forma todas as manifestações de actividade agricola, industrial e commercial estão sujeitas á acção dessa rede varredoura, a cujas estreitas malhas nada escapa. Dir-se-ia que o paiz se fragmentou em minusculos estados independentes, que o viajante não atravessa sem pagar o inevitavel tributo.

Cereais, gado, frutas, vinho, azeite tudo paga direitos municipais de exportação, que não raro são transformados abusivamente em direitos de transitio.

Não é tanto o encarecimento de todos os productos como os vexames e formalidades que tornam intoleravel este regime.»

E o «Jornal de Noticias» na sua secção telegrafica a proposito de o parlamento estar gastando sessões com assuntos de interesse duvidoso, diz:

«Ha assuntos gravissimos a tratar, como o caso das irregularidades e exame do imposto *ad valorem* que é por esse paiz fóra uma bambochata pegada.»

Quando a bambochata e o rogabofé forem postos em execução no nosso concelho, então é que os interessados, que indifferentes assistiram á nossa propaganda, sentirão os seus efeitos. Verá o povo que essa bambochata só beneficia o bando de parasitas, que á sombra dela pensa em criar interesses.

Tendo primeiro defendido unica e exclusivamente os interesses do concelho postos em risco por desmedidas ambições, ficamos agora no nosso posto politico para tirar, dos factos e dos abusos as necessarias ilações e consequencias.

O lançamento do novo imposto será no futuro o nosso melhor auxiliar politico, porque mostrará quanto o grupo democratico com o seu mandão se tornam nocivos ao desenvolvimento e progresso do concelho.

As escolas supero-inferiores

Lê-se nos jornais de Lisboa que o actual ministro da instrução projecta, se continuar no governo, remodelar as escolas supero-inferiores, reduzindo o seu pessoal e dar-lhes outra direcção.

O sr. ministro devia atender a que — quem torto nasce, tarde ou nunca se endireita».

Aquilo não se endireita mais: quanto mais se reformar, peor. A unica reforma possivel seria cortar o mal pela raiz — extingui-las de vez, e fazer voltar ao trabalho muita daquela gente que, nas tais escolas, está a contrair habitos que dantes não tinha.

Se feitas as contas seapura que os chamados professores trabalham em rigor 1 hora por dia, e por dia recebem de ordenado 7\$000 reis e pico!...

Será admissivel que continue semelhante coisa?

Diz a «Patria», que no fim do comicio politico do dia 12 da Camara, o sr. Clemente, um dos mais prometedores discipulos daquela escola, fizera um hino ao trabalho, que deve ser um primor.

Nada mais significativo. O sr. Clemente, que é obrigado a trabalhar uma hora por dia e que por essa hora de trabalho ganha a bagatela de 7\$000 reis e pico, é a pessoa mais competente para fazer um hino ao trabalho.

Pois se ele tem, por dia, nada menos de 23 horas para estar no descanso e na patria, tanto pode estar a fazer hinos, como a pensar na morte da bezerra.

Fomos surpreendidos com a noticia de o sr. director da supradita escola abrir uma sindicancia para demitir as duas creadas do seu estabelecimento, sob o pretexto de que «las não se portam como duas madonas.

É espantoso que venha *agora* essa sindicancia.

Agora?

Mas essas duas creadas foram, desde a abertura desse infeliz estabelecimento, a taboleta da casa.

O sr. director desconhecia quem eram essas duas raparigas?

Evidentemente não.

Porque foram admitidas e agora se procura e, decerto, se conseguirá demitir?

Mas hoje não são nem mais nem menos do que eram na data da sua entrada.

Deviam mesmo ter melhorado muito, visto conviver por tanto tempo com... egregios e competentissimos mestres.

Certamente as pobres raparigas mudaram... de partido.

E, como os ganhos são chorudos, 100 e pico mil reis por mez, deve haver novas *partidarias* á espera.

Já Vimos...

Diz «A Patria» que não foi *leal e nobremente* que aqui reificamos a noticia daquela proposta que os jornais do Porto e Lisboa deram, quando do ultimo Congresso do P. R. P., como sendo proponente o nosso presado assinante sr. dr. Pedro Chaves, mais conhecido nas altas esferas por Virgolino Chaves. Porque primitivamente comentassemos a proposta como viera a lume nos periodicos, e depois dissessemos aos nossos leitores o que de facto o sr. dr. Chaves dissera, sem que ele tivesse feito o desmentido para os jornais, «A Patria» só por isto, descompõe-se no seu ultimo numero insultando-se a si mesma!

Faz pena realmente que *toda a gente já visse* aquilo que só «A Patria» ainda não viu — o sr. dr. Chaves dar um cavacão quando lhe chamam o *inegualvel*. Conforme-se «A Patria» com a opinião do nosso diplomata na disponibilidade a respeito do sr. dr. Chaves; *inegualvel*, não é muito, porque se o Viana fosse vivo o maior de todos (opinião Fidalgo) ia a *inegualissimo*, o que seria uma espiga peor!

Os Passos de Ovar

III

Suas capelas primitivas

Não foi de desafogo e grandeza logo desde o seu principio a vida da confraria. Não tinha mesmo capela propria para o serviço do seu culto, que nos primeiros tempos e ainda mais dum seculo mais tarde, se efectuava na igreja paroquial. Os oratorios dos Passos não existiram desde logo. Vieram muito mais tarde, dobados muitos anos sobre o aparecimento da Irmandade. Os recursos não haviam de sobrar, depois de pagas as despezas mais necessarias.

E então por ocasião das grandes solenidades anuais, a boa vontade supria num esforço supremo a deficiencia de meios, para figurar na trajectoria da procissão as scenas mais emotivas da paixão. Ao longo da Rua d'Amargura improvisavam-se templosinhos de madeira, forrados a baeta e crepes, com suas cortinas de corer, petrechos que cada ano se ia alugar ao Porto, donde logo se traziam os indispensaveis douradores.

Nessas humides barracas falavam aos olhos do povo as scenas que precederam a tregedia do Golgota, compostas de figuras armadas em varas de pinheirinhos trazidos da nascente mata do Covêlo, propriedade dos Condes da Feira e cheias de côlmo que se revestia com fardas de estopa grossa pintada. Estas figuras tinham pés, mãos e cabeça de escultura e seguravam-se nas suas altitudes, atixadas pelos pés a casqueiras presas horizontalmente ao chão.

Nesses grupos sempre impoligantes pelos esgazes e altitudes violentas ou ridiculas em que eram propositadamente fixados, distinguia-se o soldado pretoriano com o seu saio curto e carapuça de baeta escaurite, (1) dos sacerdotes graves nas suas tunicas fartas e dos escribas e fariseus envol-

(1) Devido a este facto e que em Ovar ainda hoje se diz dum individuo que use barrete vermelho: parece um judeu!...

tos nos seus mantos compridos de baeta escura, empestigados em colarinhos e gravatas de papel.

As tunicas rastejantes dos apóstolos e de Jesus eram de tafetá e o perfil melancolico e suave das santas mulheres a florava sob grinaldas de transparente cambráia.

No *Passo do Senhor* caído por terra, então da Oração no Horto, num scenario de tons docemente alegres, com verduras campestres e com panos de côr afogueada no fundo figurava-se ao expirar do derradeiro clarão do sol poente o Monte Olivete onde Jesus orava prostrado em terra, afastado um pouco dos tres apóstolos Pedro, Tiago e João adormecidos sobre a relva. No ar, suspenso numa fita balouçava brandamente um calix, o calix da amargura diante do qual Jesus parecia balbuciar em suprema agonia que o fez suar sangue em tal quantidade que lhe varou e ensopou as roupas e caiu sobre a terra: *Pai! se é possivel, faze que eu não beba este calix!... Mas seja feita a tua vontade, não a minha!... Um anjo de brancas azas em cruz sobre as espaldas e uma suave e melancolica solicitude no rosto, tentava consola-lo num gesto do quem fosse a ampara-lo nos braços. Ao lado brotava dentro fingida penedia e musgo e jorro d'agua dum chafariz que ali se arranjava, para que nada faltasse a dar a impressão de que se estava no Horto de Gethzomani.*

Na igreja armava-se uma prisão, um carcere soturno, de aspecto pesado com grades e porta tristonhas, e o portico aonde Jesus fóra conduzido na antemanhã da sua morte para ser acusado e sentenciado.

Estas e as demais capelas eram coisa digna de vêr-se.

Em cada uma delas erguia-se sobre um taburno de madeira, em regra trazida da Estrumada ou pinhal do Conde, um altar que se enfeitava caprichosamente com transparentes e custosas rendas de prata. Mas a do Calvario sobrelevava a todas as demais pelo magestoso das suas linhas e o lugubre dos seus altos e amplos cortinados de baeta preta.

Era aqui que finalisavam as procissões com o levantamento da cruz em que o Cristo ia agonisar e morrer ou se abria a cova que devia guardar o seu corpo sacratissimo até ao raiar do primeiro clarão da aurora do dia da sua maravilhosa resurreição.

M. LIRIO.

POR VALEGA

Legado pio

«Morais Ferreira»

Na pleiade dos bonemeritos, já extintos, da freguezia de Válega, ocupa lugar primacial a nobre personalidade do ex-morgado Sebastião Moraes Ferreira. Levado pelos seus sentimentos de filantropia e caridade para com os indigentes, fez o seu testamento cerrado em 1898, em que instituiu usufruarios dos seus bens (casas de habitação, terras lavradas, pinhais, fóros, prazos, etc.) aos srs. Manoel da Silva Pereira e Pinho e irmã Maria Albina de Jesus, passando «a raiz ou direito de propriedade», por morte destes, para a Junta da freguezia de Válega, para, com o respectivo usufruto, formar um fundo per-

manente para socorrer os pobres indigentes de Válega, nas suas molestias, com auxilio medico e medicamentos.»

Mas para que os legatarios usufrutuarios não exorbitassem no corte de madeiras, o testador pôz a seguinte clausula: «autorizo os ditos usufrutuarios a cortar com prudencia e zelo, pinheiros unicamente para consumo de sua casa, ramadas, composuras ou reparações necessarias nos predios do usufruto.»

É certo, todavia, que o herdeiro usufrutuario, sr. Manuel da Silva Pereira e Pinho, não tem cumprido esta clausula. Ainda ha pouco vendeu em proveito proprio, na Quinta do Caudal cem pinheiros cujo diametro, fóra a casca, é entre 0^m.38 e 0^m.44. Estes pinheiros pela sua grandeza, no tempo actual valem uma grande somma, que é desviada do seu destino, com gravissimo prejuizo, no futuro, dos pobres indigentes de Válega. Se a importancia dos pinheiros não fór capitalizada para ter a applicação que o testamento reza, o fundo permanente que um dia, depois da morte dos usufrutuarios, se ha-de formar a favor dos indigentes de Válega, ha-de ficar muito consideravelmente diminuido.

Como não me conste até hoje ter tomado providencias sobre este assunto a Junta de Válega, que é a herdeira proprietaria e a representante do povo valeguense, cujos interesses deve zelar, eu, o rabisador destas linhas, interpretando o sentir do mesmo povo, que não quer sejam prejudicados, no futuro, os indigentes, venho por este meio chamar a atençaõ da Junta para o caso, esperando que ella se digno tomar as necessarias providencias para que o grave dano, contra os interessados indigentes, não se consume.

Creio bem que o sr. Manuel da Silva Pereira e Pinho que é considerado um homem de bem, não quererá manchar o seu nome, ficando com o dinheiro que pertence aos pobres.

Acredito-me a Junta e o sr. Pereira e Pinho que nesta iniciativa que tomo, de defender os interesses dos pobres, não me movem odios pessoais, nem intuitos ou paixões politicas, mas simplesmente o desejo de que seja respeitada a ultima vontade do benemerito testador e zelados os interesses dos que elle contemplou no seu testamento.

Válega, 17-II-1921.

Avelino Fonseca.

PHOBIA

A «Patria» atirou-se, como usa e lhe é proprio, a um cavalheiro que foi, segundo ella, causa de a Associação dos Socorros Mutuos não hastear a bandeira no dia 12 á quando da festa democratica,—com a mesma consciencia com que atacou o padre que envergou os seus habitos talares fóra do exercicio do seu mister.

Apelou para a direcção. E, porque a direcção entendeu que muito bem andava aquella Associação em se não imiscuir em questões de politica da terra, volta-se agora para os republicanos que fazem parte da direcção, com as costumadas intrigas, como se os republicanos estivessem para servir os seus interesses ue politica-pessoal.

Decididamente já não sabem o que fazer. Aquilo entrou no ultimo periodo.

Quem os viu com aqueles

ares autoritarios e serenos, ditando as suas ordens, como mandões cá do burgo, e os vê agora deturpando tudo, insultando, ameaçando como estradeiros em hora de mau negocio!...

Na sua phobia dão o que tem a dar...

Já o dizia a cantiga:

«Pilriteiro que dás pilritos. Porque não dás coisa boa...»

PARABENS

É bem sinceros enviamos nós, embora um pouco tardiamente, á ex.^{ma} sr.^a D. Margarida Coentro pela peça oratoria que recitou na Camara Municipal em 12 do corrente. Só agora a conhecemos. Não tivemos a dita de assistir á sua feliz recitação, mas uma gazeta da nossa terra entendeu e muito bem que um tal trabalho não devia ter a sorte do murmúrio das brisas, para lhe dar ao menos a duração das rosas de Malherbe. Daqui lho agradecemos. É também a unica coisa sensata, bem recitada, e bem escrita que nestes ultimos tempos tem saído na «Patria». Linguagem tersa, ideias muito claras, elegante simplicidade na construção do periodo e justeza de conceitos fazem do discurso da conscienciosa professora um trabalho apreciavel. Nele se revela o belo espirito que sempre conhecemos na joven senhora. Julgando assim essa recitação sem preocupações politicas de que consideramos isenta a sua autora, repetimos-lhe os nossos parabens, porque alguma coisa de geito foi proferido na sessão do dia 12.

O maior de todos

Vem o sr. dr. Chaves falar de phobia no ultimo numero da «Patria», em local que é um modelo de jornalismo lá da casa.

Realmente o dr. tem muito chiste, muita piléria. Chalcedor de... sala...

É na verdade o maior de todos.

CARTEIRA MUNDANA

Fizeram anos:

Em 10, a menina Maria Esperança, filha do sr. José Rodrigues Leite.

—Em 11, o sr. Manuel Valente Pereira Rosas.

—No dia 13, o sr. Manuel Ferreira Dias.

—No dia 14, o sr. David José Martins; e a sr.^a Maria da Gloria de Sá Ribeiro.

—No dia 15, a sr.^a D. Zulmira de Souza, gentil filha do sr. Carlos Augusto de Souza; e o sr. Manuel Alves Correia.

—No dia 17, o sr. José Rodrigues Figueiredo.

—Em 19, a sr.^a Clara Ferreira Soares Gomes, esposa do sr. João Bernardino de Oliveira Gomes.

—Em 20, a sr.^a D. Rosa de Araujo Sobreira, dedicada esposa do sr. dr. Antonio dos Santos Sobreira; a sr.^a D. Gloria de Oliveira Dias Nunes Branco, extremosa esposa do sr. Manuel Augusto Nunes Branco; e a menina Agueda, filha do sr. Manuel de Oliveira Coelho Junior.

—Em 21, o sr. José Ramos; a menina Maria do Carmo Gomes da Silva Magina, filha do sr. Manuel André Amador

Magina; a menina Maria Fragateiro Soares, filha do sr. Antonio Soares da Fonseca.

—Em 22, a sr.^a D. Maria Mafalda Carneiro Ramos Jimenez, dedicada esposa do sr. Miguel Redondo Jimenez; e o menino José Maria, filho do sr. José da Silva Miranda.

—Em 24, o sr. Manuel de Oliveira Coelho Junior; e a sr.^a Joaquina de Oliveira Lameira, esposa do sr. Manuel Marques de Oliveira.

—Em 25, a sr.^a D. Alzira da Silva Abreu, esposa do sr. Henrique Carlos de Abreu.

—Hontem, o sr. Artur Garcia Paiva, da Imprensa Patria.

Fazem gnos:

—Amanhã, o sr. Manuel Pereira Dias.

—No dia 1 de Março, a menina Mariasinha, filha do sr. Antonio Valente Compadre.

—No dia 2, o sr. Antonio da Silva Miranda.

As nossas felicitações.

Noticiario

Assaltos e roubos

Ha dias, ali para os lados da rua Visconde de Ovar, foi assaltado e roubado em plena rua, o sr. Isaias, mestre de obras, desta vila.

Mas, segundo nos consta, o roubado reheu novamente os objectos que eram corrente, alfinete de gravata, de ouro e relógio para não dar participação do caso ás autoridades competentes isto, a pedido de interessados, pois que o salteador foi logo conhecido pela sua vitima.

Não faz sentido nem é util ao concelho que gatunos e salteadores desta audacia andem encobertos e sejam protegidos, porque isso não só prejudica as diligencias policiaes, para casos futuros, mas ainda dá liberdade de acção aos ditos cavalheiros.

—Tambem na noite de 16 para 17 do corrente, audaciosos larapios arrombaram as portas do estabelecimento de fazendas do sr. Manoel Rodrigues Pepulim, á Praça da Republica. Uma vez dentro—e ha vontade, apesar do posto da G. N. R. estar proximo—roubaram grande quantidade de chailes, lenços e outras fazendas, que são avaliadas em quantia superior a 3.000\$00.

Parte do ronbo foi já apreendido em S. João da Madeira, a um individuo que dizem ser receptor. Da Vila da Feira vieram já quatro individuos que ali foram detidos, presumindo-se que façam parte da quadrilha que ha um tempo para cá tem infestado o nosso concelho. No Porto foram presos mais dois, que se supõe serem, conjuntamente com os quatro primeiros, os autores do importante roubo naquele estabelecimento.

Com vista a quem toca

Já agora, e porque a ocasião seja oportuna, pedimos energicas providencias para os constantes, senão, diarios roubos.

Ora nesta vila crêmos que existe aquartelada uma secção da G. N. R. de que um dos seus fins é o policiamento da vila.

Sem saber porquê, temos notado que a acção da guarda republicana em Ovar se tem exercido unicamente na applicação de multas, descurando o policia-

mento noturno bem necessario, especialmente na arteria mais central da vila.

Seria bom, tambem, que a ferida guarda coadjuvasse a proficua e destemida acção que o sr. João Regueira, probo regedor, tem empregado na descoberta dos recentes roubos.

Repetimos: é necessario um rigoroso policiamento noturno, com o qual todos temos a lucrar.

Hidro-aviões

Do Centro de Aviação de Aveiro levantaram vôo, no passado dia 23, dois hidro-aviões que evolucionaram até ao Porto. No regresso, a quatro quilometros da costa do Furadouro, um deles, o «D. D. 9» teve um desarranjo no motor que o fez cair no mar, destruindo-se por completo o aparelho, sendo salvos o aviador e os seus companheiros.

Terceiros

Com um dia esplendido realizou-se no preterito domingo esta tradicional festividade que atraiu a esta vila grande concurso de romeiros.

A boa ordem com que decorreu fez resaltar em todo o seu brilho a imponente procissão que é o numero mais palpitante de interesse da festividade.

Falecimento

Com a idade de 75 anos, faleceu no dia 23 do corrente, victimado por uma lesão cardiaca agravada por uma bronco-pneumonia, o sr. Manoel de Oliveira da Cunha, mais conhecido por—«Manoel do Grande»—considerado proprietario e negociante desta vila.

O seu funeral, que foi concorrido, teve lugar no dia 24 á noite, ficando o feretro depositado na igreja matriz, para os officios funebres na manhã seguinte.

A numerosa familia do finado, os nossos sentidos pesames.

Récita

Conforme haviamos noticiado, realizou-se em 24 do corrente a récita em beneficio da A. S. M. Ovarense. O desempenho dos interpretes agradou. A casa esteve boa, e a Tuna dos Bombeiros Voluntarios executou bons trechos de musica.

Encorporação do recrutas

De 1 a 4 de março proximo tem de ser feita nas unidades a que foram destinados, a primeira encorporação dos recrutas recensados no ano de 1920, devendo para isso solicitar as competentes guias na secretaria da Camara Municipal.

Os que não se apresentarem são considerados refratarios.

Operação

Em 14 do corrente mez, submeteu-se a uma melindrosa operação, nesta vila, o sr. Manoel Maria Valente da Fonseca, natural de Válegã, do lugar de Roçadas de Vilarinho, sobrinho dos srs. José e Manoel d'Oliveira Lopes (Cadaval).

Operou o sr. dr. Nunes da Silva, coadjuvado pelos srs. drs. Pereira do Amaral e José Lamy, distinto clinico em Válega.

O operado que se encontra internado em casa do sr. dr. Nunes da Silva, encontra-se em via de cura, o que muito estimamos.

Para Lisboa

Retirou em 15 deste mez para aquela cidade, acompanhada de sua irmã Generosa a ex.^{ma} sr.^a D. Ester Augusta Nunes da Silva, dedicada esposa do sr. dr. Nunes da Silva.

Procissão de Passos

No proximo domingo, tem lugar, nesta vila, a festividade dos Passos, que revestirá o brilho costumado, constando que haverá, a expensas dum devoto, o sermão do Encontro.

A procissão deverá sair, pelas 16 horas, após o sermão do Pretorio, achando-se, nesse dia, as capelas ou passos adornados, expostos aos fieis.

Em viagem

Para a Ilha do Principe, Africa, partiram os srs. José e Antonio Ramos; para Lobito, Africa Ocidental, o sr. Luiz Antonio Lopes. A todos desejamos boa viagem, agradecendo os cumprimentos de despedida.

ANUNCIOS

Acção de Divorcio

(1.^a PUBLICAÇÃO)

Em cumprimento do decreto com força de lei de 3 de Novembro de 1910 se anuncia que por sentença de 3 do corrente, transitada em julgado, foi autorisado o divorcio de Antonio Ferreira Pinto, trabalhador e mulher Ana Emilia da Silva, jornalista do lugar do Brejo desta freguesia de Ovar.

Ovar, 15 de Fevereiro de 1921.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de direito,

J. A. Serra.

O escrivão do 4.^o officio,
Frederico Ernesto Camarinha
Abraço.

Agradecimento

Manuel Augusto Nunes Branco e familia agradecem, com viva gratidão, a todas as pessoas que por qualquer forma se associaram á sua dor pelo passamento do seu innocente e chorado filho, neto e sobrinho Antonio.

Ovar, 9 de Fevereiro de 1921.

Agradecimento

A familia do falecido João de Pinho Saramago penhoradissima agradece a todas as pessoas que se dignaram cumprimentar-la e que acompanharam o finado a sua ultima jornada; e, ainda aquelas que assistiram á missa do 7.^o dia. A todos pois, protesta a sua indelevel gratidão.

CARROS

Vendem-se 4, uma charrete, uma galeira e duas carroças. Quem pretender dirigir-se a Avelino Fonseca, S. João—Valega.

AVIZ

Companhia Reseguradora Portuguesa

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA -- CAPITAL 1.000.000\$00 ESC.

Autorizada pelo Governo em portaria de 20 de Junho de 1918 e á exploração de seguros directos por portaria N.º 1766 de 3 de Maio de 1919

Séde Social—Rua do Carmo, 69—2.º

LISBOA

Endereço telegrafico-VIZA LISBOA

Telefones: Expediente, 3919—Administração, 5001

Delegação—Rua Mousinho da Silveira, 129

PORTO

Endereço telegrafico PORTIVIZA

Telefone—776

DELEGAÇÃO EM HESPANHA: Calle de Alcalá, 40—DELEGAÇÃO NO FUNCHAL: José Torquato de Freitas—DELEGAÇÃO DE VILA REAL: Americo Gomes da Costa—Em COIMBRA: Avenida Sá da Bandeira, 50-1.º

SEGUROS E RESEGUROS CONTRA OS RISCOS:—Fogo casual e proveniente de guerra, de transportes terrestres e marítimos, agrícolas, postais, roubo, contra quebra de cristais, automoveis, gado, etc., etc.

Agencias no Paiz e Ilhas.

O Conselho de Administração:

Alberto Correia, Antonio Barbosa, Antonio Cardoso de Sousa, José da Costa Pereira, José Dias da Silva.

Quiosque-Tabacaria

Praça da Republica

— O V A R —

ANGELO GONZALEZ

Sempre á venda charutos da Bahia, tabacos nacionais e estrangeiros. Papel para cartas, idem de 25 e 35 linhas, lapis, lapiseiras, canetas, bicos de escrever, papel de fumar, livros, loterias, cervejas, refrigerantes Sameiro, rebuçados, tintas de escrever e copiar, fumadeiras, pomadas preta e de côr para calçado, bolsas de borracha para taçaco e muitos outros artigos.

ATLANTICA

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital social (Escudos) 500.000\$00

Capital realiado (Escudos) 150.000\$00

Fundo de reserva (Escudos) 150.000\$00

Séde: Largo dos Loios, 92—PORTO

Receita de 1914 (Esc.)..	36.988\$03,5	Sinistros pagos em 1914..	21.601\$41
» de 1915 » ..	71.197\$29,5	» » em 1915..	25.903\$15
» de 1916 » ..	537.897\$94,3	» » em 1916..	153.470\$90
» de 1917 » ..	3.139.404\$23	» » em 1917..	1.427.035\$74

Afóra os que se teem pago até esta data

Agencias em França, Inglaterra, Noruega, Suecia, Dinamarca, Espanha e Egito. Seguros contra fogo. Seguros contra fogo e roubo. Seguros contra grèves e tumultos. Seguros agrícolas. Seguros contra quebra de cristais. Seguros de guerra. Seguros marítimos e postais. Seguros contra inundações e enxurradas.

Conselho de Administração:

Manoel Joaquim de Oliveira
Dr. José Maria Soares Vieira
Silvino Pinheiro de Magalhães
Dr. Leopoldo Correia Mourão
Jaime de Sousa

Directores delegados

Agentes em todas as terras do paiz

Comissarios de avarias em todos os pontos do mundo

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

OVAR

Depositos á ordem, com o juro de 2 1/2 % e 3 1/2 %.

Depositos a prazo, com o juro de 3 1/2 %, 4 % e 4 1/2 %, respectivamente a tres, seis meses e ao ano.

Saques sobre todas as localidades, aos melhores premios.

Descontos sobre a praça a 6 % ao ano.

Empréstimos caucionados, cambios, coupons e papeis de credito.

IMPRENSA PÁTRIA

R. ANTERO DO QUENTAL

— O V A R —

Execução rápida e perfeita de todos os trabalhos tipográficos.

Impressão a ouro, prata e côres

-ARTIGOS DE PAPELARIA-